

Aos meus olhos, a horta dos meus pais era tão grande como um campo de futebol. Sempre calculara que tudo aquilo fora feito para satisfazer o apetite perpétuo de cinco crianças. Mas só quando casei e tive dois filhos compreendi o verdadeiro propósito daquela horta enorme. Não era a necessidade de termos mais vegetais: era a necessidade de termos mais ervas daninhas.

Meus pais tiveram cinco filhos. Tínhamos todos uma característica comum: preocupávamo-nos com tudo. Meus irmãos preocupavam-se em ser convocados para a seleção da Liga Infantil onde jogavam; minha

irmã preocupava-se por não saber se o pequeno Bobby gostava dela ou se fingia ser simpático por ela ter um cachorrinho novo; e eu me preocupava em saber se iria enfrentar Sarah Jane ou a mãe dela nas competições da feirinha na escola.

Meu pai crescera numa fazenda e acreditava que a única forma de nos vermos livres de uma preocupação era suando muito: só os frutos do trabalho físico poderiam lubrificar a mente o suficiente para tornar os dilemas da vida mais fáceis de manusear.

Papai conseguia perceber os sinais de preocupação em nossos rostos. «A horta está cheia de ervas dani-

Meu pai enxergava
o que havia de melhor
nas ervas daninhas

Cortando o mal pela raiz

SUSAN SARVER



nhas», dizia então. «Vão andando para as arrancar, que eu já vou lá.» E, fatal como o destino, só se juntava a nós na altura em que já tivéssemos trabalhado o suficiente para começarmos a falar daquilo que nos preocupava. Enquanto falávamos, íamos arrancando as ervas, como se fossem fragmentos das nossas preocupações.

Efetivamente, arrancar ervas daninhas conseguia eliminar mais do que preocupações: alguns de nós éramos dados a acessos de má disposição repentina, e arrancá-las numa tarde de calor era uma das formas mais rápidas de nos acalmar os ânimos.

As ervas funcionavam igualmente bem para fazer desaparecer as disputas e guerras que eclodiam entre nós com muito mais frequência nos meses de verão. Para minha mãe, os vegetais aliviavam as tensões de uma forma quase tão satisfatória como as ervas: apanhar e descascar alguns canteiros de ervilhas com o inimigo era o suficiente para estabelecer uma trégua.

Mas com os tomates o caso já mudava de figura: nunca mandava duas crianças zangadas para a zona dos tomates. Se experimentasse fazer isso, era certo que iam logo à procura dos exemplares mais apodrecidos e cheios de bichos, transformando-os imediatamente em armas de arremesso. E não havia alvo melhor para um tomate mole que o bumbum do inimigo. Minha mãe só cometeu esse erro uma vez.

Durante o inverno, época em que não apareciam ervas, tínhamos cor-

rido o perigo de sucumbir ao peso das nossas preocupações se o meu pai não tivesse arranjado substitutos à altura. No pátio dos fundos, por exemplo, havia uma pilha de tijolos que, segundo dizia, se destinavam a construir um dia alguns postes de eletricidade. E, por alguma razão misteriosa, aquela pilha estava sempre no caminho de um arbusto em crescimento ou da tabela de basquete.

De forma igualmente suspeita, o mesmo parecia passar-se com o monte de lenha que nos iam entregar todos os anos. Fosse onde fosse que a colocássemos, havia sempre a necessidade de o mudarmos de lugar. Mas sempre que o fazíamos, não só nos esquecíamos daquilo que nos preocupava, como se desenvolvia entre nós um sentimento de solidariedade, inspirado pela injustiça da nossa sentença comum.

Com o tempo, meu pai começou a ficar preocupado com o fato de todas aquelas ervas poderem passar a ser insuficientes para corresponder às preocupações cada vez maiores dos meus irmãos adolescentes. Decidiu então fazer um reconhecimento no terreno de um agricultor que vivia ali perto, onde havia ervas tão resistentes que ameaçavam destruir-lhe a plantação de soja. O homem necessitava de alguém para percorrer a plantação de facão em punho.

A conversa entre os dois elevou a imagem das ervas daninhas, transformando-as no ouro verde com que os meus irmãos viriam a ficar ricos. Apesar de eu implorar que me

fosse dada uma oportunidade de lutar também, mamãe nem queria pensar em ver uma das suas filhas suando de facão na mão. Por isso, limitei-me a ficar vendo-os trabalhar, enquanto as suas contas bancárias iam crescendo, tal como os músculos dos seus braços. Apesar de sentir inveja deles, tentei não demonstrar, pois sabia para onde me mandariam se a minha cara traísse os meus sentimentos.

Hoje em dia, observo os meus filhos ficarem cada vez mais preocupados com os dilemas da infância. Seria bom termos um pedaço de

terreno com ervas daninhas onde eles pudessem trabalhar para vencer as preocupações. Mas quando olho para o meu bairro de subúrbio, com seus jardins livres de ervas daninhas, verifico que o suor que eles teriam de derramar trabalhando ali não seria o suficiente nem para ultrapassar um pequeno aborrecimento.

Por isso, todos os verões, embalamos as nossas preocupações e as levamos numa viagem de mais de 400 km para a horta dos meus pais. É o único local onde temos a chance de vencer as preocupações antes que as ervas se esgotem.

CONDENSADO DE «COUNTRY LIVING», © 1994 DE SUSAN SARVER. COUNTRY LIVING (AGOSTO DE 1994), NOVA YORK.
ILUSTRAÇÃO: STEVEN SALERNO



Letreiratura

LETREIRO à porta de um *snack-bar* na Quarteira, Algarve, Portugal: «Fala-se inglês, francês, italiano, espanhol e algarvio.»

— Luís Capelo, em *Tal & Qual*, Lisboa

ADESIVO num pára-choque em Westchester County, Nova York: «Se o lugar de uma mulher é em casa, por que é que eu estou sempre no carro?»

DO *Gazette Times*, de Corvallis, Oregon: «Sermão da Quaresma: 'O Caminho Mais Seguro para o Inferno.' Transporte disponível. Por favor, telefone até o meio-dia de sábado.»

NA VITRINE de uma farmácia lia-se: «Meia hora de estacionamento grátis com medicamentos.»

— Ron Cheung, Canadá

TÍTULO no jornal *The Times of India*, de Bombaim, sobre a iluminação de monumentos: «Nova luz na arte da iluminação.»

— Siddika Chinwala, Índia

LETREIRO na secretária de um escritório: «Abençoados sejam os despachados, pois terão pequenas contas de telefone.»

— Andrew Biddlecombe, Reino Unido